



## Dom Casmurro

Machado de Assis

### Contexto histórico: o Brasil às vésperas da República

O fim do século XIX encontra um Brasil em crise. Muitos foram os fatos que colaboraram para ela: entre eles, destaca-se o desmoronamento da economia baseada na cana-de-açúcar, acelerado pela extinção do tráfico de escravos, através da Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Com a decadência do sistema açucareiro, a Economia volta-se para o Sul e Sudeste, onde imigrantes europeus — que aportavam no país desde a década de 40 — eram empregados nas lavouras de café.

As condições de trabalho na lavouras cafeeiras eram péssimas, e isso provocou a reação de alguns países europeus, que proibiram a vinda de trabalhadores para o Brasil.

Como era necessário um grande número desses colonos, as relações de trabalho foram modificadas, com o apoio do governo da província de São Paulo e do governo imperial: o trabalho passou a ser predominantemente assalariado e ofereceram-se melhores condições aos colonos. Com isso, o número de imigrantes cresceu e praticamente resolveu a demanda por mão-de-obra na zona cafeeira.

Por outro lado, as cidades — principalmente o Rio de Janeiro e São Paulo — assistiam ao incremento da classe média, a qual apresentava novos anseios, propícios à fermentação de ideais liberais, abolicionistas e republicanos.

Trata-se, enfim, de um período de mudanças econômicas, políticas, intelectuais e sociais, no qual se podem ainda divisar:

- enfraquecimento do governo de D. Pedro II e a intensificação dos ideais republicanos;
- o crescimento da campanha abolicionista;
- uma economia agrária, com a concentração da renda nas mãos dos fazendeiros;
- na década de 70, a entrada de quase duzentos mil imigrantes no país, aumentada, nos anos 80, para quase meio milhão;
- ainda na década de 80, comícios e passeatas de intelectuais e estudantes em prol das campanhas abolicionista e republicana;
- em 1888, a Abolição da Escravatura;
- em 1889, a Proclamação da República;
- o início do processo de modernização da sociedade brasileira, com a dinamização da vida social e cultural, principalmente no Rio de Janeiro, sede do governo:
- um maior desenvolvimento da cultura, com incremento no número de matemáticos, economistas, médicos, historiadores, além dos escritores;
- um clima propício à absorção, pelas artes, das novas ideias vindas da Europa e já consolidadas naquele continente, tais como o liberalismo, o socialismo e as teorias científicas.

Todos esses fatores — com destaque para o tema da Abolição e o da República — contribuiriam para as opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870, cabendo à chamada "Escola do Recife" (liderada por Tobias Barreto e seu fiel discípulo Sílvio Romero) a primeira transposição dessa realidade em termos de consciência cultural.

Marca a cultura da época uma ânsia por objetividade, que propõe responder aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século.

Os inspiradores europeus dessa objetividade seriam, mais uma vez, os franceses: Gustave Flaubert, Émile Zola e Anatole France, na prosa de ficção; os parnasianos, na poesia; Auguste Comte, Hypolyte Taine

e Renan, no Pensamento e na História. Em segundo plano, os portugueses, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Antero de Quental.

No caso excepcional de Machado de Assis, também — e principalmente — os autores ingleses.

## O Realismo: estética da objetividade

A postura realista implica distanciamento da postura subjetiva do escritor, que se volta para a observação da realidade exterior e não se vale mais de sua visão particular, idealizada como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, em detrimento do sujeito.

Ocorre, assim, o *aprofundamento* da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo, mas, a partir daqui, com a proposta de desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; buscando, para ambas, causas naturais ou culturais.

Para isso, muito contribuiu a teoria do Evolucionismo, de Charles Darwin, segundo a qual o homem é produto da evolução natural das espécies, trazendo, assim a enorme importância da Biologia. Também as teorias deterministas de Hypolyte Taine, dando conta de que o comportamento humano é *determinado* por fatores biológicos, sociológicos e históricos assumem enorme valor na concepção da prosa literária.

Dentro dessa nova óptica é preciso compreender e explicar o mundo real *por meio da razão e do conhecimento científico*. Quer dizer, é imprescindível o embasamento teórico, a busca de teorias que auxiliem e expliquem o *modus vivendi* do Homem daquele período da História.

Várias foram as correntes científicas de que se serviu a produção da obra de arte realista. Entre elas, cabe destacar:

- Determinismo, de Hypolyte Taine, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
- o Positivismo, de Auguste Comte, trata de um conjunto de teorias abrangentes: vai da Teoria do Conhecimento à Sociologia. Comte defendeu um posicionamento científico para o pensamento filosófico, apontando para a necessidade absoluta do uso da Razão como ponto de partida para toda e qualquer área do conhecimento.
- o Criticismo e o Anticlericalismo de Renan, que prega uma revisão do papel histórico da Igreja Católica Romana, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé". Reforça o posicionamento materialista de oposição à metafísica, à religião e a qualquer atitude que ultrapasse os limites do sensorial, do explicável pela Razão.
- o Socialismo "utópico" de Proudhon, propondo a organização dos pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, e baseado em ideias antiburguesas e anti-religiosas;
- o Evolucionismo de Darwin, que concebia o mundo e o ser humano como um processo de crescimento e de evolução das diversas espécies, dando grande fôlego à Biologia, além de provocar enorme revolução em outras Ciências, inclusive as Sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por constituir a "geração materialista ou científicista", assim designada pela conformidade entre as atitudes dos escritores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o Homem — aqui, através de sua personagem — como um "caso" que deve ser inexoravelmente analisado à luz da Ciência.

A intensificação radical da abordagem científica na arte literária acabaria por conduzir ao Naturalismo: tendência que considera o homem como um ente irremediavelmente destinado por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, as quais comandam seu comportamento na sociedade. É por isto que Lombroso afirma que alguns indivíduos já são predestinados à vida do crime e isso pode ser reconhecido em seu aspecto físico! Assim, o escritor se volta, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do subjetivismo;
- racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- arte compromissada, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade; preocupação com a transformação social;
- contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo enxuto e coerente;
- lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar, priorizando o aspecto analítico, o detalhe da observação, a obsessão da particularidade explicável cientificamente;
- linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia, figura concisa, mais próxima da objetividade, em detrimento da metáfora, mais própria de uma posição subjetiva;
- exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem movimentos contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos temas e apresentam características próprias marcantes.

No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso", não mais dadas à fantasia e ao sonho, ao devaneio do leitor: abandona-se a criação de fantásticos heróis, gentis cavalheiros, formosas damas; malvados corações, cruéis sofrimentos de amor — tão comuns no Romantismo.

É possível destacarem-se, entre outros, os seguintes traços:

- psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, isto é, imprevisíveis, portadoras de uma diversidade de caráter e de atitudes, escapam à linearidade comportamental. São dinâmicas, já que no curso da narrativa transitam em sua profundidade comportamental e evoluem ou involuem no caráter. Há o abandono da personagem plana: previsível, como se nota na literatura da escola precedente.
- "humanização" das personagens: Uma humanização tendendo à exploração do "feio interior": a mulher, geralmente adúltera, pecaminosa ou ilegível, dissimulada; o homem, fraco e covarde, de uma maldade estúpida e de ciúmes inexplicáveis.
- enfoque da burguesia como classe social, porém de comportamento censurável, hipócrita, avaro, de atitudes comezinhas.
- fotografia objetiva da realidade; fuga dos enfoques românticos, os quais privilegiam uma visão doce, amena, agradável. A realidade é sempre dura, inexorável.
- romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões. Por isto é tão peculiar a técnica da digressão, mormente em Machado de Assis.

---

## Machado de Assis: "modelo de pureza e correção"

O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 1839, e lá morreu em 1908. Teve infância pobre: filho de um pintor mulato e uma lavadeira açoriana, ficando órfão de ambos, ainda pequeno, cresceu sob os cuidados da madrasta, Maria Inês, lavadeira e doceira. Não foi, portanto um menino bafejado pela sorte e pela riqueza.

De frágil compleição física, já na infância sofreria os primeiros sintomas das doenças que o acompanhariam pela vida: a gaguez e a epilepsia. A saúde frágil contribuiria para determinar sua personalidade reservada e tímida.

O menino Joaquim Maria freqüentou a escola por pouco tempo, pois teve de trabalhar para custear o próprio sustento e o da família. Recebeu aulas de Francês e Latim do Padre Silveira Sarmiento, um amigo.

Autodidata e inteligente, construiu uma sólida cultura literária, leu autores como Sterne, Swift e Leopardi.

Aos dezesseis anos, torna-se aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, e aos dezoito, publica seus primeiros versos na revista *A Marmota*. Emprega-se na redação do *Correio Mercantil* e conhece alguns autores românticos, como Joaquim

Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu, Manuel Antônio de Almeida e Quintino Bocaiúva. Sua inteligência brilhante e o talento indiscutível possibilitam-lhe o convívio no meio cultural da época e a amizade com Manuel Antônio de Almeida, de quem recebe apoio no início da carreira. Através de Quintino Bocaiúva, vai, em 1860, para o *Diário do Rio de Janeiro*, para resenhar os debates do Senado. Usa uma linguagem irreverente, já que é um tempo de grande liberalismo.

Casa-se aos trinta anos com a portuguesa D. Carolina Xavier de Novais. Já funcionário da Secretaria da Agricultura, tem uma vida estável que lhe proporciona estabilidade e tranqüilidade para dedicar-se à atividade literária.

Nas décadas de 70 e 80, Machado traz a público: *Contos Fluminenses*, *Ressurreição*, *Histórias da Meia-Noite*, *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*. Essa coletânea, embora chamada de “fase romântica” de Machado de Assis, poderia ser mais bem classificada como “fase de compromisso”.

Em 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* marca o início da fase realista machadiana, portanto, inaugura o Realismo brasileiro. Premia-nos a seguir com

*Histórias sem Data*, em 1884, *Quincas Borba*, em 1892, *Várias Histórias*, em 1896, *Páginas Recolhidas*, em 1899, *Dom Casmurro*, em 1899, *Esau e Jacó*, em 1904, e *Relíquias da asa Velha*, em 1906, dois anos antes de sua morte.

Em 15 de dezembro de 1896 funda, com um grupo de escritores, a Academia Brasileira de Letras, da qual seria o primeiro presidente e presidente perpétuo.

Apesar da sua importância no mundo intelectual, Machado de Assis manteve-se sempre circunspeto. Mostra em seu relacionamento social a mesma acidez que permeia sua obra, desde *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Foi sua obra derradeira *Memorial de Aires*, de 1908, obra escrita após o falecimento de D. Carolina, seu grande amor. Pouco tempo depois falece na cidade do Rio de Janeiro, aos sessenta e nove anos de idade, acometido de uma úlcera cancerosa.

D. Carolina, a esposa, fora a companheira de toda a vida: Machado sobrevive apenas quatro anos à sua morte, em 1904. Morre a 29 de setembro de 1908, cercado de prestígio e reconhecimento. O discurso de Rui Barbosa perante seus restos mortais, na Academia, é exemplo desse respeito e admiração:

"Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas próprias palavras, num gemido da sua lira, para lhe vir trazer o nosso ‘coração de companheiros’.

Eu quase não sei dizer mais, nem sei que mais se possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro se separam desta para a outra parte da eternidade. Nunca ergui a voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos. Só o irresistível de uma vocação, como a dos que me chamaram para órgãos desses adeuses, me abriria a boca ao pé deste jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas, se sobrepõe o murmúrio do indizível, a sensação de uma existência, cuja corrente se ouvisse cair de uma em outra bacia no insondável do tempo, onde se formam do veio das águas sem mancha as rochas de cristal exploradas pela posteridade.

Do que a ela se reserva em surpresas, em maravilhas de transparência e sonoridade e beleza na obra de Machado de Assis, di-lo-ão outros, não de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga, dias sem conta, derredor do seu nome, da lápide que vai tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta ao ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, a reminiscência, a mágoa sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém não quisera falar senão do seu coração e da sua alma.

Daqui, deste abismar-se de ilusões e esperanças que soçobram ao cerrar de cada sepulcro, deixemos passar a glória na sua resplandecência, na sua fascinação, na impetuosidade do seu vôo. [...]

Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma dessas predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava ao de leve a pena, lhe resumava sem azedume das obras, num ceticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as dúvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se desponha, se embebe de suavidade no íntimo desse temperamento, cuja compleição, sem desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refratária aos antagonismos e aos conflitos, dir-se-ia emersa das mãos da própria Harmonia, [...]

Deste lado moral da sua entidade, quem me dera saber exprimir, neste momento, o que eu desejaria. Das riquezas da sua inspiração na lírica, da sua mestria no estilo, da sua sagacidade na psicologia, do seu mimo na invenção, da sua bonomia no humorismo, do seu nacionalismo na originalidade, da sua lhanza, tato e gosto literário, darão testemunho perpetuamente os seus escritos, galeria de obras-primas, que não atesta menos da nossa cultura, da independência, da vitalidade e das energias civilizadoras da nossa raça do que uma exposição inteira de tesouros do solo e produtos mecânicos do trabalho. [...]

O que se pagaria talvez se não o colhêssemos logo na memória dos presentes, dos que lhe cultivaram o afeto, dos que lhe seguiram os dias, dos que lhe escutaram o peito, dos que lhe fecharam os olhos, é o sopro da sua vida moral. [...]

Eu não fui dos que o respiraram de perto. Mas, homem do meu tempo, não sou estranho às influências do mal e do bem, que lhe perpassam no ar. Numa época de lassidão e violência, de hostilidade e fraqueza, de agressão e anarquia nas coisas e nas ideias, a sociedade necessita justamente, por se recordar, de mansidão e energia, de resistência e conciliação. São as virtudes da vontade e as do coração as que salvam nesses transes. Ora, dessas tendências que atraem para a estabilidade, a pacificação e a disciplina, sobram exemplos no tipo desta vida, mal extinta e ainda quente.

Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa, e cantava como Luís de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca deslizou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza. Era sua alma um vaso da amenidade e melancolia. Mas a missão da sua existência, repartida entre o ideal e a rotina, não se lhe cumpriu sem rudeza e sem fel. Contudo, o mesmo cálice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da têmpera e a serenidade da atitude.

Poderíamos gravar-lhe aqui, na laje da sepultura, aquilo de um grande livro cristão: “Escreve, lê, canta, suspira, ora, sofre os contrastes virilmente”, se eu não temesse claudicar, aventurando que as suas tribulações conheceram o lenitivo da prece. O instinto, não obstante, no-lo adivinha nas trevas do seu naufrágio, quando, na orfandade do lar despedaçado, cessou de encontrar a providência das suas alegrias e das suas penas entre a carícias da que tinha sido a meeira da sua vida e do seu pensamento. [...]

---

## Machado, o filósofo do romance

É Machado de Assis o maior nome da prosa realista no Brasil; aliás, não só da escritura realista, mas de toda a ficção em prosa de nossa terra. Machado é um e é vários, extremamente inventivo, profundo no trato analítico e senhor de uma admirável linguagem. A grandeza de sua obra ultrapassa os limites da própria estética da qual, aliás, foi o introdutor: Seu livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, constituiu o marco inicial do movimento realista no Brasil e, de saída já o supera com seu estilo direto, preciso e metalinguístico.

Conquanto tenha se dedicado a todos os gêneros literários — poesia, romance, conto, teatro etc. — e no romance tenha iniciado pela fase romântica, com *Ressurreição*, *A mão e a Luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*,

muito da crítica literária aponta como suas melhores páginas a contística, que encerra obras-primas como: *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias* entre tantas outras.

O texto machadiano é profundo na sutileza humorística (humor fino), no aprofundamento psicológico: perscruta de forma imperdoável a alma da personagem, torna relativo qualquer valor moral, além de insuflar um pessimismo ou descrença nas qualidades do ser humano. Estas marcas deixadas pelo Bruxo do Cosme Velho são atemporais, varam os anos, chegam aos séculos.

Segundo o crítico Alfredo Bosi,

"O seu equilíbrio não era o goetheano — dos fortes e felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo, mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como uma força inalienável, e fazem dela alimento de sua reflexão cotidiana."

Ainda segundo o respeitado crítico,

"[...] a visão da obra machadiana em dois momentos, cujo divisor de águas seriam as Memórias póstumas de Brás Cubas, compreende-se melhor se atribuída a uma reestruturação original da existência operada pelo homem que, se havia muito perdera as ilusões, ainda não encontrara a forma ficcional de desnudar as próprias criaturas, isto é, ainda não aprendera o manejo do distanciamento.

Quando o romancista assumiu, naquele livro capital, o foco narrativo, na verdade passou ao defunto-autor Machado-Brás Cubas delegação para exibir, com o despejo dos que já nada mais temem, as peças de cinismo e indiferença com que via montada a história dos homens. A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas."

Assim, correspondendo ao próprio processo de amadurecimento do autor na forma ficcional e na maneira de desnudar as criaturas, costumam-se dividir duas fases na produção da obra machadiana.

A primeira fase — impropriamente chamada "romântica" — corresponde à sua iniciação literária, com influências, sim, do Romantismo, mas já apresentando certas características que se tornariam marcantes em seus romances realistas:

- a observação psicológica das personagens — já não tão lineares quanto as românticas — e considerações sobre suas ações e comportamentos;
- enfoque do interesse como móvel das atitudes humanas;
- o questionamento da hipocrisia social;
- o estilo conciso, diferente da linguagem exagerada dos autores românticos;
- o humor reflexivo.

Entre as obras que pertencem a esta fase estão os volumes de contos, *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*, e os romances: *Ressurreição*, *Helena*, *A Mão e a Luva*, *Iaiá Garcia*.

Em 1878, entre a primeira e a segunda fase — inaugurada em 1881, com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* —, Machado já se mostrava mais seguro e consciente dos critérios que adotaria para a construção de suas personagens: a obra *O primo Basílio*, do português Eça de Queirós, seria alvo de uma cerrada crítica machadiana quanto à falta de coerência moral da maioria de suas personagens, das quais apenas Juliana apresentava, segundo ele, recorte moral.

A segunda fase corresponde à sua maturidade como escritor, ao auge de sua produção, tanto do ponto de vista do estilo, quanto da investigação da alma humana; é o período das obras-primas, e nele se destacam as seguintes características:

- a investigação do comportamento humano, mostrando o Homem como dotado de uma ambiguidade insolúvel entre o "ser" e o "parecer";
- o caráter universal, na busca da essência humana, na abordagem de grandes temas filosóficos, com o privilégio da reflexão e da análise psicológica em detrimento da fixação na cor local ;

- a presença de antecipações psicanalíticas e o aproveitamento de arquétipos dos textos bíblicos e da tradição clássica;
- pessimismo, na visão desencantada da vida e do homem, no ceticismo em relação aos valores do seu tempo;
- a ironia, aliada a um fino senso de humor (o chamado "humour");
- o estilo conciso, enxuto, sóbrio, elegante, marcado pela correção gramatical e pelo equilíbrio;
- o gosto pelas frases sentenciais, contendo verdades morais;
- a lentidão na narrativa, com privilégio da abordagem psicológica, para a caracterização da personagem, em detrimento da ação e do enredo;
- a fixação pelo pormenor: o microrrealismo;
- certas antecipações do Modernismo:
- organização metalinguística do discurso narrativo;
- interrupções na narrativa, através de digressões, diálogos com o leitor;
- estrutura fragmentária, não-linear da narração; técnica do impressionismo associativo;
- capítulos curtos;
- gosto pelo elíptico, pelo alusivo.

Esta fase é marcada por suas obras-primas: os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* e os volumes de contos *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias* e *Relíquias da Casa Velha*.

A respeito do famoso pessimismo de Machado de Assis, assim se posiciona Alfredo Bosi:

"Menos do que "pessimismo" sistemático, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor. Para a antimetafísica do ceticismo, a moral da indiferença."

Apesar da grandeza da obra machadiana, Bosi alerta para o fato de que o escritor não deve ser mitificado:

"A ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu, um dos caminhos permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade. Mas não deve ser transformada em ídolo; isso não conviria a um autor que fez da literatura uma recusa assídua de todos os mitos."

---

## Dom Casmurro: história como poucas

Publicado em volume, em 1899, *Dom Casmurro* forma, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, a trilogia mais famosa dos romances de Machado de Assis. O livro foi acolhido com elevado entusiasmo pela crítica e tem levado o leitor, desde que foi editado, a questionar sobre o enigmático adultério de Capitu. Há traição efetiva de Capitu? Tudo não passa das desconfianças de Bento Santiago? Será a chave da obra descobrir o que realmente aconteceu?

Bentinho é o narrador-personagem: tenta reviver suas emoções através da reconstrução do passado. Inicia a sua narrativa dando conta do apelido que lhe foi atribuído por um pretense poeta — que conhecia “de vista e de chapéu” — magoado pela desatenção que o narrador dera à leitura de seus versos, durante uma curta viagem de trem:

“Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para ele interromper a leitura e metesse os versos no bolso.

Continue, disse eu acordando.

Já acabei, murmurou ele.

São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isto me

zanguei. Conte a anedota aos amigos da cidade, eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: ‘Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.’, ‘Vou para Petrópolis, D. Casmurro, a casa é a mesma da Renânia, vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.’ [...]

Não consultes dicionário. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me apurmos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. [...]

Os vizinhos e amigos, assim, logo adotaram a alcunha, que simbolizava seu afastamento do convívio social e seus hábitos de vida solitária.

Chamado “Do Livro”, o capítulo II traz as razões para que ele fosse escrito:

“O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. [...]

[...] Em verdade, pouco apareço e manos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. [...]

Já no capítulo III, Bentinho evoca o passado, retrocedendo ao ano de 1857: começa o “flash back” que dominará toda a narrativa. Tinha ele então quinze anos, e deparara com uma conversa entre a mãe e o agregado da casa, José Dias, que a aconselhava a separá-lo de Capitu, sua vizinha, companheira e confidente, quase, então, uma namorada. A família morava vizinha ao Pádua, pai de Capitu, que tinha condição social inferior à dele. Capitu fora, desde a tenra idade, companheira de Bentinho, já que apenas um ano a separava dele no tempo.

É nesse momento, através das palavras de José Dias a D. Glória, sua mãe, que Bento toma consciência de seus próprios sentimentos e decide verificar se é correspondido:

“Com que, então, eu amava Capitu, e Capitu a mim? Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. [...]

A partir daqui, Bento Santiago narra a infância vivida na casa da mãe viúva, Dona Glória — “boa criatura” —, em companhia de três outras personagens: a prima Justina — “magra e amarga” —, o tio Cosme — advogado gordo, que a essa altura da vida “só cumpria as obrigações do ofício e sem amor” — e um agregado, José Dias — que “amava os superlativos”, pois esse era “um modo de dar feição monumental às ideias”.

Conquanto tivesse sido destinado ao seminário, por força de uma antiga promessa de Dona Glória — que, tendo o primeiro filho nascido morto, prometera que o segundo, se fosse varão e vingasse, iria “metê-lo na igreja” —, a convivência com Capitu vai-se transformando em namoro, com a convivência dos pais da menina, D. Fortunata e Pádua, que veneravam Bentinho e eram gratos à sua mãe por vários favores.

Dona Glória, entretanto, tem um voto a cumprir e é religiosa ao extremo. Cria-se, assim, para o casal de adolescentes, a necessidade de resolver a situação de um modo que não fira os sentimentos da mãe de Bentinho — por quem ele tem verdadeira adoração —, nem interfira em sua fé católica. E o protagonista passa a relatar as peripécias por que ele e Capitu — sempre à frente da situação — passariam, no intuito de livrá-lo do seminário e deixá-lo livre para casar-se com ela.

D. Glória os ajuda de maneira involuntária e inconsciente; ela sofre tanto quanto o filho pela dor da separação que a carreira eclesiástica implicaria:

“[...]Minha mãe faria, se pudesse, uma troca de promessa, dando parte dos seus anos para conservar-me consigo, fora do clero, casado e pai; [...]

Em busca da melhor solução para o caso, Capitu resolve pôr José Dias na história, para lutar ao lado dos dois — também sem saber da participação dela, pois não concordaria, já que não a aprecia, nem aos seus pais —, pois o agregado respeitaria um pedido do garoto, futuro dono da casa onde ele era agregado. Bentinho conversa com ele e obtém seu apoio:



“— É tarde, disse ele; mas, para lhe provar que não há falta de vontade, irei falar a sua mãe. Não prometo vencer, mas lutar; trabalharei com alma. [...]”

Bento vai para o seminário, mas ele e Capitu não desistem; o namoro evolui ao longo das visitas dele ao lar. Ela, durante a ausência do namorado, conquista o coração da futura sogra, tornando-se insubstituível, a ponto de despertar ciúme em prima Justina. Esperta e insinuante, procura fazer-se necessária, mostrando-se prestativa e jovial.

Adula D. Glória, e dissimula completamente seus sentimentos e interesse por Bentinho, às vezes, com uma convicção que o irrita:

“— E você, Capitu, interrompeu minha mãe voltando-se para a filha do Pádua que estava na sala, com ela, — você não acha que o nosso Bentinho dará um bom padre?

— Acho que sim, senhora, respondeu Capitu cheia de convicção.

Não gostei da convicção. [...]”

O plano continua em ação: José Dias pensa em várias soluções: Bentinho com tosse, pois o seminário não lhe fazia bem...; irem ambos, ele e o garoto, a Roma, pedir o livramento da promessa ao papa... Mas é um colega seminarista de Bento, chamado Ezequiel Escobar — a quem ele abriu seu coração —, que termina por achar a solução para o caso: em lugar de Bento, D. Glória poderia fazer ordenar um moço pobre:

“Sua mãe fez promessa a Deus de lhe dar um sacerdote, não é? Pois bem, dê-lhe um sacerdote, que não seja você. Ela pode muito bem tomar a si algum mocinho órfão, fazê-lo ordenar à sua custa, está dado um padre ao altar, sem que você... [...]”

Tudo se fez por esse teor. Minha mãe hesitou um pouco, mas acabou cedendo, depois que o padre Cabral, tendo consultado o bispo, voltou a dizer-lhe que sim, que podia ser. Saiu do seminário no fim do ano.”

Bento vai para São Paulo, a fim de cursar a Faculdade de Direito:

“Venceu a razão; fui-me aos estudos. Passei os dezoito anos, os dezenove, os vinte, os vinte e um; aos vinte e dois era bacharel em Direito.”

Formado, Bentinho se casa com Capitu. Escobar, que também saíra do seminário e se dedicava agora ao comércio, casa-se com Sancha, uma amiga de Capitu. Fortalecem-se desta forma os laços entre os quatro amigos. A vida do casal de protagonistas é feliz, perturbada apenas pela ausência de um filho. Nasce a filha de Sancha — Capituzinha, em homenagem à madrinha —, mas o dos padrinhos se faz demorar, angustiando sobretudo a Bento, que não se conforma em não ter um filho:

“Pois nem tudo isso me matava a sede de um filho, um triste menino que fosse, amarelo e magro, mas um filho, um filho próprio da minha pessoa. [...]”

Finalmente, nasce Ezequiel — nome dado em homenagem a Escobar, que não pôde ser o padrinho, pois tio Cosme não abriu mão “do favor”:

“... As invejas morreram, as esperanças nasceram, e não tardou que viesse ao mundo o fruto delas. Não era escasso nem feio, como eu já pedia, mas um rapagão robusto e lindo.

A minha alegria, quando ele nasceu, não sei dizê-la; nunca a tive igual, nem creio que a possa haver idêntica, ou que de longe ou de perto se pareça com ela. Foi uma vertigem e uma loucura. [...]”

Ezequiel cresce e, aos cinco anos, bonito e forte, “adivinham-se nele todas as vocações possíveis”. Começa a mostrar grande capacidade de imitar as pessoas à sua volta, inclusive Escobar:

“— Sim, não sairá maricas, repliquei; eu só lhe descobro um defeitozinho, gosta de imitar os outros.

— Imitar como?

— Imitar os gestos, os modos, as atitudes; imita prima Justina, imita José Dias; já lhe achei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos...

Capitu deixou-se estar pensando e olhando para mim, e disse afinal que era preciso emendá-lo. [...]”

Bento, corroído de ciúme, sente-se profundamente contrariado com essa “mania” do filho. Com o passar do tempo, aprofunda-se em desconfianças e ciúmes, ciúmes estes que sempre existiram, desde que ele e Capitu eram namoradinhos. Começa a achar diferenças no comportamento de D. Glória, a sentir a esposa cada vez mais distante:

“Palavra puxa palavra, falei de outras dúvidas. Eu era então um poço delas; coaxavam dentro de mim, como verdadeiras rãs, a ponto de me tirarem o sono algumas vezes. Disse-lhe que começava a achar minha mãe um tanto fria e arredia com ela. Pois aqui mesmo valeu a arte fina de Capitu!”

Bentinho vê a cada dia mais semelhança entre Ezequiel e Escobar, passando a enxergar no menino os traços de seu pretenso rival. Inferniza-se em ciúmes e gradualmente afasta-se de Capitu e do filho.

Escobar morre afogado e, durante seu enterro, Bentinho estranha o modo como Capitu contempla o cadáver, vendo nela uma tristeza mal disfarçada e em seu rosto uma confissão de culpa que o leva praticamente à certeza de que ela pranteava o amante:

“Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. [...] A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...”

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou as carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem as palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.”

Os ciúmes aumentam e a relação do casal torna-se cada vez mais difícil. À medida que cresce, Ezequiel se parece mais e mais com Escobar. Transtornado, Bento arquiteta o assassinato da esposa e do filho, e seu próprio suicídio, mas não tem coragem de consumir seus planos. Viaja para a Europa com Capitu e Ezequiel e lá os abandona: já não suportava vê-los. Capitu morre na Suíça, anos depois.

Ezequiel, já moço, vem ao Brasil para visitar o pai, que constata uma semelhança ainda maior entre o rapaz e o amigo morto. No contexto de sua inconstância emocional, Bentinho chega, por pouco tempo, a sentir amor pelo filho, mas a dúvida da paternidade prevalece e o ódio reaviva-se. Ezequiel não sabe, nem desconfia de qual seja a angústia do pai. Provavelmente, atribui tudo ao temperamento de Bento Santiago.

Ezequiel volta a viajar, financiado pelo pai, e morre no Oriente, acometido de uma febre maligna. Bento paga as despesas do funeral e reflete: “pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.” Torna-se cada vez mais fechado em suas dúvidas, isola-se em sua casmurrice. Passa a ser chamado de Casmurro pelo seu temperamento “recluso e calado”, e põe-se, finalmente, a escrever a história de sua vida — *Dom Casmurro*.

Assim se encerra o último capítulo:

“Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro.

O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum incidente. ‘Jesus, filho de Sirach’, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers.1: “Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.

É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à História dos Subúrbios.”

---

## As personagens principais

- **Bento Santiago (Bentinho):** Narrador-personagem enigmático, circunspecto. Já velho, retoma sua vida desde a infância. A fase mais evidente registra-se quando, aos quinze anos,

ouviu o agregado José Dias falar à D. Glória sobre o perigo do relacionamento que o jovem mantinha com Capitu, uma garota de 14 anos, sua vizinha, desde a mais tenra idade. A vida de padre o aguardava desde o nascimento: era uma promessa de D. Glória. Bentinho, contudo não tinha tal vocação e amava Capitu. Mesmo assim, ficou um ano no seminário. Livre de lá, por artimanhas que isentariam D. Glória do “compromisso com a Igreja”, Bentinho vai cursar Direito. Casa-se com Capitu, dando origem ao restante da trama que narra.

- **Capitolina (Capitu):** Menina esperta, dissimulada, no dizer de José Dias e com “olhos de ressaca”, no dizer de Bentinho. Era vizinha da família de D. Glória e fora criada junto com Bentinho: a diferença de idade era de apenas um ano. Em toda a narrativa, Capitu apresenta traços de personalidade marcantes: feminilidade precoce, sagacidade, domínio das situações. Todas essas características vão gerar os ciúmes de Bentinho, exatamente por ter ele uma personalidade oposta: ele era emotivo; ela, racional. Casada, depois de todas as perpécias, Capitu se mantém no controle das situações, vendo em Bentinho uma eterna criança. Torna-se dona-de-casa eficiente.
- **Escobar:** Foi colega de seminário de Bentinho. De modo discreto aproximou-se do narrador-personagem, frequentava sua casa, tornou-se confidente de Bentinho. Era indivíduo interesseiro e calculista. Personalidade que se aproximava daquela de Capitu. Saindo do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu. Mantém amizade as novas famílias: Bento-Capitu e Escobar-Sancha. É a Escobar que Bentinho termina por ojerizar, desconfiado de suas relações com Capitu, principalmente pela semelhança física que vê em Ezequiel, o filho que Capitu lhe dera. Escobar morreu afogado. Nos funerais dele, Bento Santiago percebe uma certa dor em Capitu, desconfiando, assim, que ela perdera seu amado.
- **Sancha:** Amiga de Capitu. Casou-se com Escobar. Em dado momento, Bentinho acha que Sancha tem interesse por ele, mas repele a ideia: seria desonesto com o amigo Escobar. Contudo, não se esclarece na obra se, de fato, houve esse interesse de Sancha ou se era mais uma imaginação do Bentinho.
- **Ezequiel:** Filho de Bentinho e Capitu. Ama o pai e não desconfia de que seja motivo de desconfianças quanto à honestidade da mãe por parte de Bentinho. Vê as implicâncias do pai como frutos da índole dele. Crescido, após a separação dos pais — a mãe vai com ele para a Europa — volta ao Brasil para rever o pai. Morre. O pai paga-lhe os funerais, sempre mantendo a desconfiança atroz.
- **José Dias:** Não é da família. Um agregado, ou seja, aquele que vive de prestar obséquios a uma família de posses. Sua condição impunha-lhe a necessidade de “discordar-concordando”, ou seja, mantinha aparências que lhe garantiam a permanência naquela condição. Amava os superlativos, formas de expressão hiperbólicas que dissimulavam a falta de conteúdo. Com isto, procurava dar a aparência de grande sabedoria. O agregado surgiu na fazenda do pai de Bentinho, dizendo-se médico homeopata. Ali prestou serviços sem remuneração. Convidado por Pedro Albuquerque de Santiago, pai de Bentinho, a ficar na fazenda, aceitou prazerosamente a oferta. Quando surgiram novos casos de doença, confessa seu charlatanismo, todavia com tal retórica que chega a impressionar. A família muda-se para o Rio de Janeiro, quando o pai de Bentinho é eleito deputado. José Dias a acompanha, sempre procurando se fazer necessário. Após a morte de Pedro Albuquerque, José Dias passa a exercer alguma influência sobre D. Glória, que dá ouvidos às suas conversas bonitas, mas sem conteúdo. É de José Dias que parte a denúncia que acelera a ida de Bentinho para o seminário. No decorrer da narrativa é fácil observar o comportamento subserviente, porém matreiro do agregado, cuja intenção é sempre tirar o melhor proveito para si mesmo.
- **Dona Glória:** Mãe de Bento Santiago. Mulher católica, presa aos estereótipos de uma religiosidade externa. José Dias a coloca não apenas como uma “santa”, mas como “santíssima” senhora.
- **Tio Cosme:** Irmão de D. Glória. Era também viúvo. Juiz de Direito, gostava de jogar xadrez e era glutão. Não interfere diretamente nos episódios, apenas reflete sobre eles e raramente emite opinião.
- **Prima Justina:** Vive em casa de D. Glória desde a viuvez. Perspicaz, nota-se que percebe o jogo de Capitu desde o início da narrativa; mas, considerando sua condição na família, não opina. Segundo o narrador: “era assaz sincera para dizer o mal que sentia de alguém, e não sentia bem de pessoa alguma.” Aí está a exposição da personalidade de Prima Justina.
- **Padre Cabral:** Foi o primeiro professor de Bentinho, ensinando-lhe os rudimentos de Latim e da doutrina católica. O padre sabe que D. Glória, no fundo, não queria cumprir a promessa de tornar Bentinho padre, por isto, vai dando jeitinhos para adiar o cumprimento da devoção. Faz

tudo para promover sua ascensão na hierarquia religiosa. É homem extremamente vaidoso, apegado a honrarias. Recebeu o título de protonotário: uma comenda de nobreza. Trata-se de mais um personagem hipócrita, mantenedor de aparências dentro do contexto da narrativa

- **D. Fortunata e Pádua:** São os pais de Capitu. Fingem não observar o namoro da filha com o vizinho, pois têm interesse na união das famílias. Veem nisto a possibilidade de ascensão social, mas isso o leitor sente mediante ações e situações: não está explícita essa vocação do casal. Pádua entra em pânico ao saber das intenções de que Bentinho vá para o seminário. Pádua é o típico funcionário público carioca do tempo do Império. Ao receber temporariamente uma condição melhor em suas funções, evaidece-se e vive fora de seu padrão. Retomando a posição inicial sofre com a lembrança de um passado em que teve boa condição social.

---

## O tempo

O narrador-personagem intenta relatar sua existência; por isto, é bem marcante o tempo cronológico. O leitor toma conhecimento de todo o processo vital da narrativa: infância, adolescência, juventude, idade madura e suas consequências sociais.

O tempo psicológico é marcado pela inconstância emocional de Bentinho, pela angústia que corrói o narrador a observar desconfiadamente os circunstantes.

---

## O espaço

Toda a narrativa se constrói num macro espaço, que é o Estado do Rio de Janeiro: onde se localiza a fazenda em que nasceu o narrador e na cidade do Rio de Janeiro, onde viera residir, quando da eleição do pai como deputado. Na mesma cidade Bentinho contraiu matrimônio e morou. O espaço europeu (Suíça) e oriental (Oriente) representam o afastamento que o narrador quis impor a Capitu e a Ezequiel, já que ele continuou morando no Brasil.

---

## Foco narrativo e estilo

Narrada em primeira pessoa, a história reflete a visão pessoal de Bentinho, a quem se subordina a identificação e compreensão das personagens. Bentinho interpreta os fatos, sempre do seu ponto de vista de narrador-participante, o qual se propõe a “atar as duas pontas da vida” e “restaurar na velhice a adolescência”.

Desse modo, a técnica empregada na construção da narrativa funciona como ato liberador. Com efeito, Bentinho se mostra, várias vezes vocacionado para escrever; dotado de consciência de escritor, tecendo reflexões sobre a arte de escrever e narrar, dialogando com o leitor e quebrando a linearidade da narrativa.

Nisto se evidenciam alguns dos recursos mais característicos da prosa machadiana: a metalinguagem — considerações sobre a própria obra, as digressões — comentários sobre os mais variados assuntos, a análise psicológica, tudo permeado pela ironia, pelo humor negro, como forma de exteriorizar o desencanto diante da miséria física e moral de suas personagens.

Ao evocar o passado, o narrador se torna elemento constitutivo da intriga, distribuído nas diferentes personagens, nas impressões. deixando ao leitor a tarefa de preencher as lacunas a visão esfumada do adultério é intencional as provas são subjetivas. arroladas pela ótica do eu - narrador. A narrativa, assim, serve de memorial de acusação, dada a sua força reconstrutiva e fixadora: confissão literária, expressa a reflexão da personagem sobre si mesma.

O núcleo central da narrativa é o triângulo amoroso Bentinho — Capitu — Escobar, traduzido pela certeza de uma consciência conturbada (a de Bentinho), num discurso mesclado de objetividade e ressentimento, trazendo, para os olhos do leitor, uma ambiguidade insolúvel, a qual, por sua vez, reflete um dos grandes questionamentos da obra de Machado de Assis: a ambiguidade humana entre o “ser” e o

“parecer”, o contraste entre a “normalidade social” dos fatos e a “anormalidade essencial” do Homem. Entendem-se, aí, suas grandes indagações: A pessoa é mais que o ato que ela pratica? Quais as diferenças entre o certo e o errado? Entre o justo e o injusto? O bem e o mal? Assim o real pode ser o que parece real. E desse modo, não importa se

Capitu traiu Bentinho ou não: a consequência é verdadeira — a destruição da vida e da casa de Bento\_Santiago.

O estilo conciso, sóbrio, coloquial une-se ao gosto pelas formas lapidares, pelas sentenças morais, vazadas num tom humorístico do tipo inglês. humor refinado que registra a influência de um Shakespeare. um Sterne, um Swift na obra machadiana A descrição de Capitu emoldura o enigma criado pela construção da personagem “morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo”. ‘cabelos realmente admiráveis “; gestos resolutos, precocemente adultos, tipo autoritário e determinado. Mas são os olhos — a metáfora mais explorada pela Literatura através dos tempos — que marcam, definitivamente, sua figura enigmática: “olhos de ressaca”, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada “. Obcecado pela esposa e doentamente ciumento — como Otelo, de Shakespeare, várias vezes mencionado na história e claramente impregnado na morbidez da dúvida do marido traído — Bentinho a pinta com as cores do seu sentimento — ou ressentimento.

---

## Atividades

Para responder às questões de 1 a 5, leia atentamente o texto abaixo:

“A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, — um sentimento cruel e desconhecido, [...] leitor das minhas entranhas. [...]”

Machado de Assis, Dom Casmurro

Leia o fragmento abaixo:

“...; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.”

1. A personagem do romance a quem se refere a forma pronominal “e/le”, do período acima, é José Dias. Quem é ele?
2. Por que o narrador afirma que José Dias não lhe deu tempo?
3. “A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque.”

Por que Bentinho afirma que tal pergunta era imprudente?

4. "*— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...*"

Que se pode depreender a respeito da opinião de José Dias sobre Capitu, nesse excerto?

5. A Opinião de José Dias a respeito de Capitu sofre alteração, no decorrer da obra?